

SEÇÃO III

Economia Agrícola

Sumário

A previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário é de crescimento de 2,5% em 2020, considerando o prognóstico de safra do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e de 2,3%, caso se utilize o prognóstico de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Além do cenário-base, o Grupo de Conjuntura simulou o PIB agropecuário para um cenário de estresse, em que parte da produção é mais afetada por eventos adversos, especialmente os relacionados à pandemia da Covid-19. Mesmo nesse novo cenário, o setor agropecuário permanece com um desempenho positivo, com um crescimento de 1,3% para 2020, sustentado principalmente pela lavoura. Além do PIB, esta *Carta de Conjuntura* apresenta em todas as seções e subseções análises preliminares dos primeiros impactos da Covid-19 no setor agropecuário.

De janeiro a abril de 2020, os dados de comércio exterior da cadeia do agronegócio mostram que as exportações brasileiras cresceram 7% (em valor) em comparação com o mesmo período do ano anterior. Soja e carne bovina contribuíram positivamente, enquanto milho e celulose apresentaram queda. Embora o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais seja muito inferior ao das exportações, impactando pouco a balança comercial do agronegócio, os quatro primeiros meses do ano foram de queda de 5,5% diante de 2019. O trigo e o malte – os dois produtos de maior valor da pauta – foram responsáveis por esse resultado, com reduções de 8,2% e 11,3%, respectivamente, no valor importado.

Na análise detalhada dos mercados e preços agropecuários domésticos, feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP), constatou-se que as reações à pandemia contribuíram para o aumento de quase todos os preços agropecuários em março. A possibilidade de isolamento social com a chegada do vírus no Brasil causou, no início da pandemia, picos de demanda que impulsionaram os preços de produtos como arroz, banana, café e ovos. A partir de abril, os efeitos sobre os preços foram difusos.

A subseção de crédito rural apresenta o bom desempenho do volume de crédito contratado no primeiro quadrimestre do ano, em especial no bimestre março-abril, que marca o início da crise da Covid-19 no país. Esse resultado mostra o esforço conjunto do governo federal e das entidades integrantes do Sistema Nacional de

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da diretoria de estudos e políticas macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

Fabio Servo

Especialista em gestão pública e gestão governamental da diretoria de estudos e políticas setoriais de inovação e infraestrutura (Diset)/Ipea

fabio.servo@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Dimac/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

Crédito Rural (SNCR), no sentido de preservar o crédito destinado ao setor agropecuário, considerado estratégico no enfrentamento da crise.

Por fim, a *Carta de Conjuntura* conta com a subseção de insumos. Nela, apresentam-se a queda na aquisição de fertilizantes e a dependência do Brasil da importação de nutrientes para as plantas (nitrogênio, fósforo e potássio – NPK) para o início da próxima safra.

1 PIB Agropecuário de 2020¹

O Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea estima dois cenários para o PIB agropecuário em 2020, com um crescimento de 2,5% e 2,3%. O primeiro cenário considera, para os dados de lavoura, as estimativas de safra do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), do IBGE, enquanto que o segundo leva em conta as estimativas de safra da Conab. Como resultado, espera-se um crescimento de 3,1% e 2,9% no PIB da lavoura, respectivamente. Para a pecuária, tomamos como base as informações da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha e do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (*United States Department of Agriculture – USDA*), complementadas por previsões econométricas da Dimac. O resultado é de crescimento estimado de 1,5% no valor adicionado da atividade pecuária. Em sentido contrário, o componente outros² deve contribuir negativamente para o setor, com uma queda de 0,6% em 2020.

O Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea estimou ainda o PIB agropecuário em um cenário de maior estresse, em que foram levados em conta os riscos associados à redução de demanda devido à atual crise econômica – para alguns segmentos, com peso significativo no valor adicionado. Mesmo nesse cenário, a alta estimada é de 1,3% no PIB, sustentada em grande parte pelas produções de soja e café. Por esse cenário adverso, a carne bovina sofreria uma queda na produção, contribuindo negativamente para o resultado final.

1.1 PIB agropecuário do primeiro trimestre de 2020

Para o primeiro trimestre de 2020, estimamos que o PIB do setor agropecuário tenha crescido 3,9%, utilizando as informações do LSPA, e 3,4%, considerando as informações da Conab, ambos em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. O resultado é explicado principalmente pela colheita da safra recorde de soja e pelo bom desempenho da safra de arroz. A produção de carne bovina, por sua vez, sofreu uma queda de 6,5% no trimestre. Os demais produtos pecuários devem apresentar alta no trimestre, com destaque para os suínos, com uma produção estimada de 7,5% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (gráfico 2). Para o componente outros, projeta-se uma queda de 3,3% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

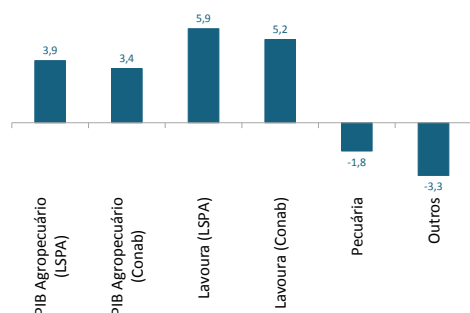
1. Seção elaborada por Pedro M. Garcia, José Ronaldo de C. Souza Júnior e Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea.

2. O componente outros inclui: produtos da exploração florestal e da silvicultura; pesca e aquicultura (peixe, crustáceos e moluscos).

GRÁFICO 1

Previsão de crescimento do PIB agropecuário por componente – taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior (1o trim./2020)

(Em %)

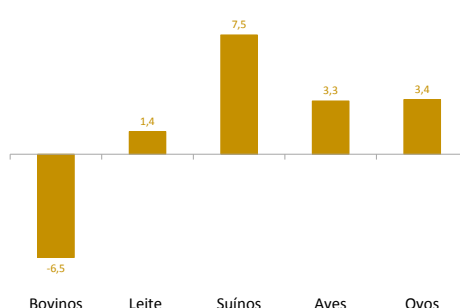


Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 2

Pecuária: taxa de crescimento interanual do volume produzido – taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior (1o trim./2020)

(Em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.2 PIB agropecuário em 2020

Os dois cenários estimados pelo Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea indicam que o PIB agropecuário deve crescer em 2020, a despeito do impacto econômico causado pelo choque do novo coronavírus. O cenário com as previsões de safra do LSPA resulta em um crescimento de 2,5%, enquanto o cenário com as estimativas da Conab indica uma alta de 2,3% no PIB agropecuário. O resultado positivo é explicado principalmente pela alta no PIB da lavoura, que deve crescer 3,1%, utilizando as estimativas de safra do LSPA, e 2,9%, quando consideradas as estimativas da Conab. A pecuária, que teve uma queda na produção no primeiro trimestre do ano, também deve apresentar um resultado anual positivo e crescer 1,5%. O componente outros, por sua vez, deve recuar 0,6% (tabela 1).

TABELA 1

Previsão do PIB do setor agropecuário para 2020 – por segmento e produto

(Em % e pontos percentuais)

Produtos da Lavoura	Peso no PIB agropecuário (em%)	Variação prevista na produção (em %)		Contribuição para o crescimento do PIB da lavoura (em pontos percentuais)	
		LSPA (b)	Conab (c)	LSPA (a*b)	Conab (a*c)
PIB Agropecuário	100,0	2,5	2,3	2,5	2,3
Lavoura	67,3	3,1	2,9	2,1	1,9
Arroz em casca	1,3	3,5	3,9	0,0	0,1
Milho em grão	6,1	-3,4	2,3	-0,2	0,1
Trigo em grão e outros cereais	0,8	19,4	5,4	0,2	0,0
Cana-de-açúcar	9,6	0,5	-1,9	0,0	-0,2
Soja em grão	26,0	6,7	4,6	1,7	1,2
Outros produtos e serviços da lavoura	11,9	-1,8	-0,4	-0,2	0,0
Mandioca	1,6	-1,1	-1,1	0,0	0,0
Fumo em folha	1,2	-7,8	-7,8	-0,1	-0,1
Algodão herbáceo e outras fibras	2,7	-2,0	3,6	-0,1	0,1
Laranja	1,8	4,4	4,4	0,1	0,1
Café em grão	4,1	15,5	15,9	0,6	0,7
Pecuária	25,7	1,5		0,4	
Bovinos e outros animais vivos	13,3		0,3		0,0
Leite de vaca e de outros animais	5,2		2,2		0,1
Suínos vivos	1,6		5,0		0,1
Aves vivas	3,0		2,5		0,1
Ovos de galinha e de outras aves	2,6		3,5		0,1
Outros	6,9	-0,6		0,0	
Produtos da exploração florestal e da silvicultura	4,3		-1,2		-0,1
Pesca e aquicultura	2,7		0,5		0,0

Fonte: LSPA/IBGE e Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



O crescimento do PIB da lavoura é explicado principalmente pelas altas expressivas nas safras de soja e café. As estimativas da Conab e do LSPA sugerem uma nova safra recorde de soja, com um crescimento de 4,6% a 6,7%. A produção de soja já estava na fase da colheita quando eclodiu a crise do novo coronavírus. Para a safra 2020-2021, que será plantada no segundo semestre, o USDA já aponta um novo recorde de produção para o Brasil, o que mantém a soja como o principal componente do PIB agropecuário. No caso da produção de café, o crescimento elevado era esperado porque 2020 é um ano positivo da bialidade dessa cultura. Enquanto o LSPA indica uma alta de 15,5%, a Conab trabalha com um limite superior em suas estimativas, que pode chegar a 25,8% de crescimento. A dificuldade de mão de obra nas regiões não mecanizadas, apontada desde o início da pandemia como um dos possíveis problemas nos períodos de colheita, não tem ocorrido e, portanto, não comprometeu a produção até o momento.

TABELA 2
Previsão da produção para a safra 2019-2020 – detalhes por
(Em %)

Segmentos	Variação prevista na produção	
	Safra 19/20	
	LSPA	Conab
Algodão herbáceo	-2,0	3,6
Amendoim (Total)	4,5	28,2
Amendoim (1ª Safra)	4,7	28,8
Amendoim (2ª Safra)	-4,0	10,5
Arroz	3,5	3,9
Banana	-3,8	n.d.
Batata-inglesa (Total)	-2,1	n.d.
Batata-inglesa (1ª Safra)	-1,2	n.d.
Batata-inglesa (2ª Safra)	-3,6	n.d.
Batata-inglesa (3ª Safra)	-1,8	n.d.
Cacau	11,8	n.d.
Café (Total)	15,5	15,9 a 25,8
Café Arábica	22,4	25,9 a 33,9
Café Canephora	-0,1	-7,1 a 6,8
Cana-de-açúcar	0,5	-1,9
Feijão (Total)	-1,9	1,0
Feijão (1ª Safra)	5,8	8,9
Feijão (2ª Safra)	-0,6	-4,9
Feijão (3ª Safra)	-21,1	0,9
Girassol	n.d.	-28,4
Fumo	-7,8	n.d.
Laranja	4,4	n.d.
Mamona	2,1	8,2
Mandioca	-1,1	n.d.
Milho (Total)	-3,4	2,3
Milho (1ª Safra)	2,2	-1,5
Milho (2ª Safra)	-5,4	3,7
Soja	6,7	4,6
Tomate	-4,8	n.d.
Trigo	19,4	5,4
Uva	0,4	n.d.

Fonte: LSPA/IBGE e Conab.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Obs.: n.d. – não disponível.

Ainda em relação à lavoura, destacam-se algumas divergências entre as estimativas do LSPA e da Conab, principalmente sobre alguns produtos com peso elevado no PIB agropecuário, como é o caso do milho e da cana-de-açúcar. Enquanto o LSPA indica uma perspectiva de queda de 3,4% na produção de milho, a Conab espera que a produção desse grão cresça 2,3% em 2020. Em contrapartida, a Conab é menos otimista quanto à produção de cana-de-açúcar e espera uma queda de 1,9% na produção, enquanto o LSPA prevê um crescimento de 0,5%.

No tocante à pecuária, é esperado crescimento para todos os produtos, embora a produção de carne bovina apresente um risco de retração no ano. A revisão da previsão para a produção de carne bovina se deve principalmente ao fraco desempenho do segmento no primeiro trimestre, apresentando uma queda de 6,4% na quantidade produzida em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo a Pesquisa Trimestral do Abate, do IBGE, divulgada recentemente. Apesar dessa revisão para baixo, uma retomada é esperada para o resultado agregado dos trimestres subsequentes. Até o momento, a carne suína tem se destacado como o produto com maior crescimento dentro do componente da pecuária, com um crescimento de 5,0% na produção. Os demais produtos também devem contribuir positivamente, apresentando um crescimento acima de 2,2%, e compensando o crescimento modesto da produção de carne bovina.

1.3 Cenário de estresse para o PIB agropecuário em 2020

O Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea revisou o cenário de estresse para o PIB agropecuário de 2020 para um crescimento de 1,3%, ante o 1,4% estimado no *Boletim Agro* de abril (tabela 3). Com base nos dados do LSPA, a nova estimativa conta com um cenário mais otimista para a lavoura, com um crescimento de 2,8% (ante 2,7%), e mais restritivo para a pecuária, com uma queda de 2,0% (contra 1,5% da última divulgação).

O resultado mais otimista na lavoura está baseado na revisão positiva das estimativas para as produções de soja e café, com um crescimento de 6,7% e 1,5%. No sentido contrário, o cenário de estresse foi estimado com uma queda de 1,9% na produção de cana-de-açúcar, considerando, para esse segmento, a estimativa mais recente da Conab. A cana é uma das culturas que têm sofrido um impacto mais significativo no atual cenário de crise decorrente da Covid-19, em particular devido à forte redução do preço do petróleo no mercado internacional. De acordo com a Conab, o setor deve sofrer uma queda de 13,9% na produção de etanol em relação à safra passada, compensada parcialmente pelo aumento de 18,5% na produção de açúcar no mesmo período. Vale lembrar que o álcool hidratado – vendido direto nas bombas dos postos de gasolina – deve sofrer uma queda de 16%, enquanto o anidro – misturado com a gasolina – deverá ter uma queda de 8,8%. A mudança nesse segmento não foi, contudo, suficiente para sobrepor a revisão positiva das culturas de soja e café, que, além de expressivas, têm maior peso dentro do componente da lavoura.

Para a pecuária, a queda na produção de carne bovina constatada no primeiro trimestre de 2020 sinaliza que esse segmento ainda permanece como a principal fonte de risco para o resultado do PIB agropecuário. O cenário de estresse manteve a queda de 6,0% na produção de carne bovina em 2020, como estabelecido pelo Grupo de Conjuntura desde o início da pandemia. A partir do início das políticas de distanciamento social, observou-se a substituição nos padrões de consumo, com uma queda nos *food services* e a preferência por cortes menos nobres e mais baratos. A queda no segmento de carne bovina, no entanto, pode acabar favorecendo

outras proteínas, como as carnes suínas e de frango, para as quais estimaram-se aumentos de 2,8% e 3,9%, respectivamente. No entanto, levando em consideração o resultado já mencionado de crescimento de 7,5% na produção de suínos no primeiro trimestre de 2020, talvez o crescimento anual seja ainda maior que 2,8%. No caso da produção de ovos, devido à oferta limitada e à baixa resposta do segmento diante da queda na produção de carne bovina, ambas observadas no primeiro trimestre, optou-se por adotar um cenário mais restritivo, com a revisão no crescimento de 9,1% para 3,2%. A produção de leite também teve a estimativa reduzida em virtude da divulgação dos resultados do segmento no primeiro trimestre. Assim como no caso dos ovos, estimou-se um resultado mais comedido, com um crescimento de 1,0%. Essas mudanças resultaram em cenário mais pessimista para a pecuária, que poderá recuar 2,0%, ante 1,5% na previsão anterior. Esse novo cenário produziu uma estimativa de crescimento para o PIB agropecuário de 1,3%, que é marginalmente inferior àquela divulgada no *Boletim Agro* de abril, mas ainda assim evidencia como o bom desempenho da lavoura pode sustentar o resultado positivo de todo o setor, mesmo diante de choques adversos sobre o componente da pecuária.

TABELA 3
Cenários para o PIB agropecuário: taxas de variação do valor adicionado em 2020 – cenário-base e cenário de estresse
(Em %)

Agregados	Cenário Base		Cenário de estresse	
	Previsão anterior	Previsão atual	Previsão anterior	Previsão atual
PIB Agropecuário	2,4	2,5	1,4	1,3
Agricultura	2,8	3,1	2,7	2,8
Cana-de-açúcar	0,8	0,5	0,0	-1,9
Pecuária	2,0	1,5	-1,5	-2,0
Bovinos	1,1	0,3	-6,0	-6,0
Leite	2,9	2,2	2,3	1,0
Suínos	3,9	5,0	2,8	2,8
Aves	0,6	2,5	3,9	3,9
Ovos	5,4	3,5	9,1	3,2
Outros	-0,6	-0,6	-0,6	-0,6

Fonte: ISPA/IBGE, Conab e Dimac/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

2 Comércio exterior de produtos do agronegócio³

Apesar de todos os problemas que vêm afetando negativamente o comércio exterior, decorrentes da pandemia da Covid-19, as exportações dos produtos do agronegócio brasileiro aumentaram 7% no acumulado do ano até abril, na comparação com o mesmo período do ano passado. A tabela 4 apresenta os dados de exportação de produtos do agronegócio utilizando a nomenclatura de principais produtos de exportação (PPEs) para esse período. Como se observa nesta tabela, esse número é uma combinação de resultados díspares quando se observa a variação no valor e na quantidade exportada dos PPEs.

A soja, que lidera a pauta de exportação, apresentou um aumento de 28,2% no valor e de 33,8% na quantidade. Mesmo assim, o grão teve uma queda de 4,2% no preço, em parte em consequência da pandemia e seus efeitos secundários, em

3. Seção elaborada por Marcelo Nonnenberg, da diretoria de estudos e relações econômicas e políticas internacionais (Dinte)/Ipea e Ana Cecília Kreter da Dimac/Ipea.

parte em razão do embate comercial entre os Estados Unidos e a China, que tem comprometido os embarques de soja americana para o país. Para o produtor brasileiro, a queda dos preços internacionais foi amplamente compensada pela forte desvalorização do real. O Brasil exporta a maior parte da sua produção entre março e junho. É esperada, portanto, uma redução da quantidade exportada a partir de julho. Mais uma vez, o crescimento das exportações é direcionado à China, principal destino da soja brasileira. Além do aumento da demanda, as exportações norte-americanas, que anteriormente abasteciam o mercado chinês, continuam se mantendo abaixo dos valores de anos anteriores. Já as exportações de farelo de soja caíram 7% em valor no mesmo período, devido basicamente à queda dos preços. A produção de soja no Brasil este ano, como apontado na seção anterior, é estimada entre 4,6% (Conab) e 6,7% (LSPA) acima da safra anterior (já está quase toda colhida), enquanto a Argentina, mais uma vez, enfrenta uma redução da produção devido a problemas climáticos. Note-se que os resultados até o momento vão na contramão do que poderia ser esperado em razão do acordo comercial firmado entre a China e os Estados Unidos no início do ano, que apontava para um grande aumento das exportações americanas para a China em detrimento dos exportadores brasileiros. Mas notícias recentes indicam que, no início de maio, os embarques de soja americana para a China voltaram a subir e as negociações entre os dois países foram reabertas, o que elevou os preços futuros. Ainda não se sabe o quanto essa aproximação impactará as exportações brasileiras do grão nos próximos meses, mas a Conab constatou que 80% da safra atual já foi comercializada.

TABELA 4

PPEs no agronegócio brasileiro (jan.-abr./2019-2020)

(Valor em US\$ milhões, peso em 1 mil toneladas e preço médio em %)

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2019	2020	Variação	2019	2020	Variação	
Soja mesmo triturada	8.968	11.496	28,2%	25.164	33.664	33,8%	-4,2%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	1.685	2.132	26,5%	449	470	4,5%	21,1%
Celulose	2.901	2.010	-30,7%	5.288	5.101	-3,5%	-28,2%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig. incl. miúdos	1.910	1.961	2,7%	1.199	1.267	5,7%	-2,8%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	1.815	1.688	-7,0%	4.994	4.985	-0,2%	-6,8%
Café cru em grão	1.566	1.514	-3,3%	726	679	-6,3%	3,2%
Açúcar de cana, em bruto	1.086	1.467	35,1%	3.887	5.056	30,1%	3,8%
Algodão em bruto	659	1.117	69,5%	386	710	83,7%	-7,7%
Carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada	387	605	56,6%	189	244	29,1%	21,3%
Milho em grãos	1.141	523	-54,2%	6.605	3.006	-54,5%	0,6%
Fumo em folhas e desperdícios	649	408	-37,2%	111	160	-30,4%	-9,84%
Demais produtos	3.737	3.426	-8,3%	-	-	-	-
Total	26.504	28.347	7,0%	-	-	-	-

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As exportações de carne bovina também cresceram fortemente, atingindo 26,5% no período, resultando principalmente de uma elevação de 21,1% no preço. O Brasil, que lidera o mercado internacional do setor, foi beneficiado, em grande parte, pelo fechamento de vários frigoríficos nos Estados Unidos em razão da Covid-19. Apenas para a China, houve um crescimento de 138% das exportações brasileiras de janeiro a abril de 2020 em relação ao mesmo período de 2019. Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), dois fatores foram fundamentais para esse crescimento: *i*) a reabertura da carne *in natura* em fevereiro para o mercado chinês; e *ii*) a não paralisação das unidades produtivas exportadoras no Brasil em decorrência da Covid-19. No início de maio, a suspensão, pela China, das compras de quatro frigoríficos da Austrália, dois deles da empresa

brasileira JBS, supostamente devido a críticas de autoridades australianas à forma de a China lidar com a pandemia, acendeu luzes vermelhas em agentes econômicos ligados à exportação de carne bovina no Brasil. Mesmo assim, o setor segue otimista, e estima um recorde no volume exportado para 2020 – em 2019, o Brasil exportou 25% de sua produção.

Ao contrário desses dois produtos, as exportações de celulose sofreram uma queda de 30,7% em valor e de 28,2% no preço. Como destacado nas *Cartas de Conjuntura* nos 45 e 46, o setor estava mantendo o volume exportado, mas já vinha apresentando uma queda no valor e no preço desde o terceiro trimestre de 2019. Vale lembrar que essa *commodity* cresceu significativamente nos últimos anos, e chegou a ser a segunda dos PPEs – atualmente, ocupa o terceiro lugar. No entanto, os resultados do acumulado do ano até abril refletem claramente o fechamento do mercado chinês, tanto pela queda das indústrias de material gráfico quanto pelo setor de embalagens em geral. Entre os PPEs, o papel e o papelão deverão ser uns dos mais afetados pela pandemia.

As exportações de carne de frango tiveram um pequeno aumento de 2,7%, resultado de um aumento de 5,7% na quantidade e de uma redução de 2,8% no preço. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o setor tem buscado alternativas no mercado internacional para escoar a produção, aumentando as exportações tanto para a China – principal comprador – quanto para a África e o Oriente Médio. Ao contrário dos Estados Unidos, que perderam uma fatia grande do mercado devido ao contágio da Covid-19 entre os funcionários, o Brasil teve a paralisação temporária de apenas uma unidade de produção de aves em decorrência da pandemia, mas que já voltou a operar.

As exportações de açúcar, algodão e carne suína tiveram expressivos aumentos de, respectivamente, 35,1%, 69,5% e 56,6%, nos três casos impulsionadas por um forte aumento das quantidades exportadas. Nos casos de algodão e carne suína, boa parte desse aumento resultou das vendas para o mercado chinês, em razão da peste suína africana (PSA). Em contrapartida, as exportações de milho ainda estão muito no início e tiveram um decréscimo de 54,2%, mas é esperada uma elevação da produção desse grão da ordem de 2,3%, segundo a Conab, que poderá acarretar o aumento das exportações.

TABELA 5
Principais produtos de importação (PPIs) no agronegócio brasileiro (jan.-abr./2019-2020)
 (Valor em US\$ milhões, peso em 1 mil toneladas e preço médio em %)

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2019	2020	Variação	2019	2020	Variação	
Trigo em grãos	582	535	-8,2%	2.509	2.583	2,9%	-10,8%
Malte inteiro ou partido, não torrado	171	151	-11,3%	344	323	-6,0%	-5,7%
Produtos hortícolas preparados/conserv. em ácido acético	146	149	2,1%	147	176	19,3%	-14,4%
Azeite de oliva, virgem	137	134	-2,6%	28	34	20,1%	-19,0%
Salmões-do-pacífico, etc. frescos, refrig. exc. filés, etc.	185	132	-28,5%	29	25	-13,6%	-17,2%
Alhos comuns, frescos ou refrigerados	73	127	75,1%	64	66	4,3%	67,9%
Demais produtos semimanufaturados	150	108	-27,9%	88	154	74,1%	-58,6%
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	101	99	-1,6%	73	68	-7,0%	5,8%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	85	97	14,4%	29	42	45,1%	-21,1%
Vinho de uvas	98	96	-1,2%	30	32	6,5%	-7,2%
Demais produtos	1.372	1.300	-5,2%	-	-	-	-
Total	3.099	2.930	-5,5%	-	-	-	-

Fonte: SECEX.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A tabela 5 apresenta os resultados para o comportamento dos PPIs para o período de janeiro a abril de 2019 e 2020. O valor total importado desses produtos caiu 5,5% no período, com quedas em praticamente todos. O principal deles, o trigo, que é um dos principais insumos da indústria alimentícia, teve uma queda de 8,2% em valor, mas uma elevação de 2,9% na quantidade. Apesar de ser esperada uma pequena elevação da produção doméstica de trigo para este ano, as importações também deverão se elevar discretamente, mantendo-se o consumo relativamente estável e os estoques em queda. Malte, que é o principal insumo da indústria cervejeira, teve uma queda de 11,3% em valor e 6% na quantidade. Dos demais produtos, azeite de oliva, alhos e rações para animais tiveram um aumento dos valores importados, de 2,6%, 75,1% e 14,4%, respectivamente. Ao mesmo tempo, todos os demais tiveram uma redução dos valores importados.

A importação dos principais insumos usados no setor agropecuário experimentou uma expressiva queda de 16% em valor nos primeiros quatro meses do ano, na comparação com igual período do ano passado (tabela 6). Certamente, a desvalorização do real em mais de 20% contribuiu fortemente para a queda nas importações, inclusive entre os produtos mais importantes para o setor. As importações de defensivos caíram 12% em valor e 16% em quantidade; as de adubos caíram 33% em valor, mas apenas 12% em quantidade; as de compostos orgânico-inorgânicos caíram 22% em valor e 20% em quantidade; as de compostos heterocíclicos, usados na produção de medicamentos, 23% em valor e 22% em quantidade

TABELA 6

PPIs em insumos agrícolas (jan.-abr./2019-2020)

(Valor em US\$ milhões, peso em 1 mil toneladas e preço médio em %)

PPI	Valor		Variação	Quantidade		Variação
	2019	2020		2019	2020	
Inseticidas, formicidas, herbicidas e prods. semelhantes	684,6	600,3	-12,31%	80,1	67,1	-16,22%
Adubos ou fertiliz. cont. nitrogênio, fósforo e potássio	353,0	237,1	-32,82%	1.005,4	883,8	-12,09%
Compostos organo-inorgânicos	185,8	145,0	-21,94%	42,7	33,9	-20,44%
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chiclé, etc.	100,8	99,2	-1,58%	72,8	67,8	-6,96%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	84,7	96,9	14,44%	28,8	41,7	45,09%
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	64,0	49,0	-23,43%	11,4	9,0	-21,48%
Ácidos carboxílicos, seus anidridos, halogenetos, etc.	26,5	23,5	-11,53%	8,2	9,2	13,00%
Demais produtos manufaturados	22,8	22,5	-1,34%	95,7	123,3	28,89%
Produtos e preparações das ind. quím. ou conexas, outros	17,4	16,5	-5,59%	6,7	6,7	1,17%
Demais produtos básicos	14,1	13,0	-7,91%	13,8	12,5	-9,51%
Demais produtos semimanufaturados	2,8	8,9	213,43%	18,3	56,2	207,92%
Compostos de funções nitrogenadas	12,6	8,2	-34,68%	1,2	0,8	-30,19%
Total	1.569,3	1.320,3	-16%			

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

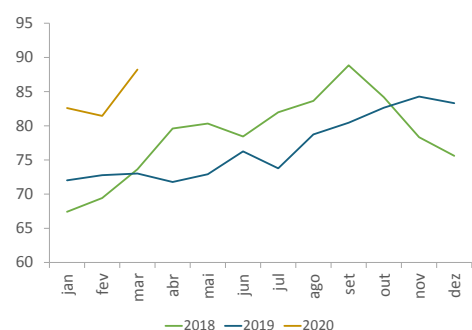
Como será apresentado na seção de insumos, a aquisição para a próxima safra é feita entre maio e outubro. A produção doméstica pode até aumentar, de forma a compensar a redução dos produtos importados. No entanto, vários insumos não são produzidos no Brasil. Se o câmbio permanecer no mesmo patamar, o custo da próxima safra poderá ser impactado, reduzindo a margem do produtor, ou sendo repassado de alguma forma para o preço final do produto.

3 Mercados e preços agropecuários⁴

A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço da *soja* teve uma modesta alta de 0,8% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro de 2020. Na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e 2020, a alta foi de 15,8% (gráfico 3). No primeiro trimestre do ano, os preços foram impulsionados pela desvalorização do real diante do dólar e pela maior demanda dos compradores. Em abril, os preços tiveram uma forte alta, atingindo patamares nominais recordes. Nesse mês, além da desvalorização cambial, as exportações brasileiras de soja e derivados foram favorecidas pela restrição nos portos argentinos como medida de controle da Covid-19.

GRÁFICO 3

Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço da soja
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Soja:

Os preços da soja devem permanecer altos no curto prazo, refletindo a desvalorização do real diante do dólar, o ritmo forte das exportações e os baixos estoques. Grande parte da safra 2019-2020 já foi comercializada e produtores aproveitam para também negociar antecipadamente parte da produção esperada para 2020-2021.

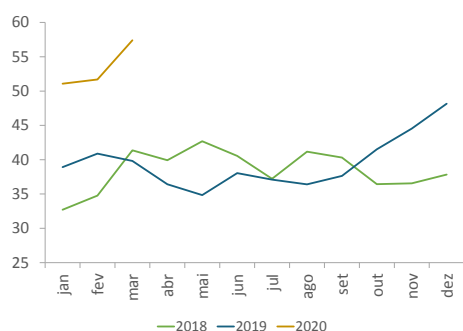
Quanto à safra 2019-2020, as perspectivas mais recentes da Conab apontam para um aumento de 4,6% na produção doméstica, resultado de um crescimento de 2,7% da área e de 1,9% da produtividade. A companhia destaca que, mesmo com condições climáticas adversas que atingiram importantes regiões produtoras, a produção estimada é considerada recorde na série histórica acompanhada. Como destacado na carta anterior, o aumento da área é respaldado pela alta liquidez do produto, pelo comportamento do câmbio e pela guerra comercial entre a China e os Estados Unidos.

Para a região de Campinas/São Paulo, a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do *milho* teve uma alta de 19,3% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro de 2020, e de 33,9% na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020 (gráfico 4). A alta no primeiro trimestre decorreu da menor disponibilidade devido às exportações recordes em 2019 e à produção enxuta na safra de verão. Em abril, o preço do milho recuou em resposta às incertezas quanto à demanda doméstica devido à pandemia da Covid-19, que fizeram com que os compradores postergassem novas aquisições.

4. Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros e Nicole Rennó Castro; André Sanches (grãos); Fernanda Geraldini Palmieri (hortifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos) – todos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Cepea/Esalq) da USP.

GRÁFICO 4

Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas Milho:

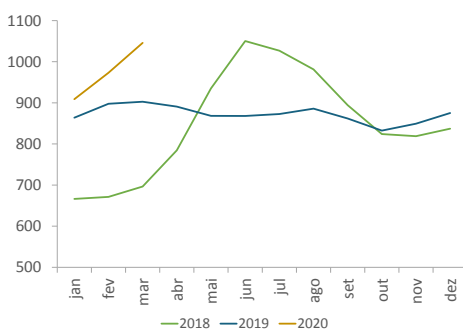
Os meses de maio e junho são de definição quanto ao tamanho da segunda safra, a qual representa três quartos da produção nacional de milho. Por enquanto, os estoques são baixos, podendo manter os preços ainda em patamares altos. O atraso no cultivo e os baixos índices pluviométricos poderão reduzir a oferta em relação às estimativas iniciais. Há incertezas em relação aos consumos doméstico e internacional diante da Covid-19, podendo elevar os estoques nos países exportadores.

Quanto à produção de *milho*, para a safra 2019-2020, a Conab aponta para uma produção 2,3% maior, com uma queda de 3,4% da produtividade e um aumento de 5,9% da área. O aumento de área é reflexo das boas expectativas de comercialização do grão, influenciadas pelos preços. Com relação à produtividade, a primeira safra foi prejudicada por condições climáticas adversas na região Sul e a segunda safra pode ser afetada pelo plantio fora da janela climática recomendada, devido ao atraso no plantio da soja no país.

A média do Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço do *trigo* no primeiro trimestre de 2020 teve uma alta de 14,5% diante do trimestre imediatamente anterior e de 9,9% diante do primeiro trimestre de 2019 (gráfico 5). O movimento de alta dos preços foi observado desde outubro do ano passado, influenciado pela desvalorização do real diante do dólar, por dificuldades na importação e, mais recentemente, pelo aumento da demanda doméstica. Em abril, os preços nos mercados doméstico e internacional tiveram uma forte alta em razão das medidas de controle da Covid-19, principalmente as restrições às exportações tomadas pelo governo argentino. Segundo a Conab, para a safra 2020 de trigo, as atuais perspectivas são de aumento de 5,4% no volume produzido, em função da ampliação de 2,4% da área destinada à cultura e 3,0% da produtividade.

GRÁFICO 5

Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço do trigo
(Em R\$/t)



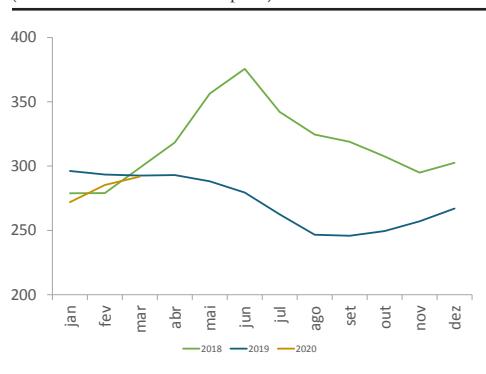
Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Perspectivas Trigo:

Os baixos estoques domésticos neste período de entressafra, juntamente com a demanda ativa, devem favorecer a necessidade de importação nos próximos meses. Por enquanto, a paridade de exportação está elevada, o que pode manter os preços domésticos em patamares altos. Há também a expectativa de maiores áreas e oferta na temporada 2020.

No primeiro trimestre de 2020, a média do Indicador Cepea/Esalq de preço do algodão em pluma teve uma alta de 9,8% em relação ao quarto trimestre de 2019. Ainda assim, na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020, o preço teve uma queda de 3,8% (gráfico 6). A alta no trimestre refletiu a forte desvalorização do real diante do dólar, que favoreceu as exportações brasileiras, reduzindo a disponibilidade doméstica. Em abril, os preços da pluma tiveram uma forte queda nos mercados internacional e doméstico, pressionados para baixo pelas reduções no preço do petróleo, que afetam negativamente o preço das fibras sintéticas (substitutas das de algodão), e pelo enfraquecimento da demanda diante da Covid-19.

GRÁFICO 6
Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma
(Em centavos de R\$/libra-peso)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Algodão:

O expressivo excedente doméstico deve limitar as altas de preços no mercado doméstico no curto prazo. Somente exportações crescentes poderiam alterar as expectativas, uma vez que uma nova safra se aproxima. Nos mercados internacional e doméstico, a demanda externa está baixa, como reflexo dos impactos da pandemia da Covid-19 e dos baixos preços do petróleo.

Para a produção de algodão, a Conab espera um aumento de 3,3% da área na safra 2019-2020 e uma produtividade ligeiramente maior (0,3%). Dessa forma, a instituição estima um aumento de produção de 3,6% em relação à safra passada, possivelmente chegando a um dos maiores volumes da série histórica.

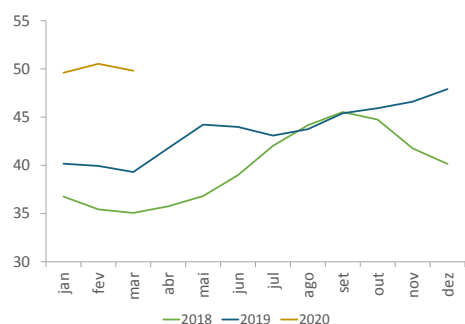
Na média do primeiro trimestre de 2020, o Indicador Esalq/Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio Grande do Sul (SENAR-RS) de preço do arroz em casca teve um aumento de 6,8% em relação ao trimestre imediatamente anterior e de 25,5% em relação ao primeiro trimestre de 2019 (gráfico 7). As altas refletiram o maior interesse comprador e ocorreram mesmo com o avanço da colheita em meados de março. Diante dos primeiros casos de Covid-19 no Brasil, consumidores do produto beneficiado passaram a adquirir volumes maiores, forçando o varejo a se abastecer do atacado, que, por sua vez, aumentou também a demanda dos engenhos beneficiadores. Em abril, os preços tiveram novas altas no Rio Grande do Sul (maior estado produtor), renovando os patamares recordes nominais da série histórica do Cepea, iniciada em 2005.

Quanto à produção de arroz, para a safra 2019-2020, a Conab aponta para a continuidade da tendência de queda da área destinada à cultura (-2,8%). Mas, com o aumento esperado de 6,8% da produtividade, especialmente do arroz irrigado, a produção em 2019-2020 pode ser 3,9% maior.

GRÁFICO 7

Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca

(Em R\$/ saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

Obs.: SENAR/RS – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Rio Grande do Sul.



Perspectivas Arroz:

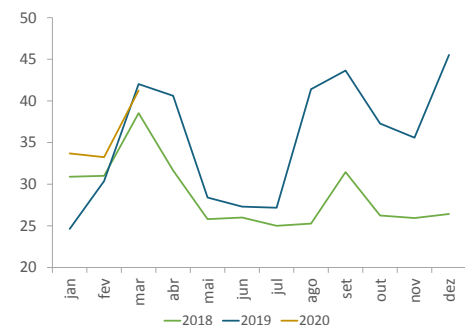
A demanda doméstica estável por arroz, a restrição vendedora favorecida pelas postergações de dívidas de custeio e a desvalorização do real diante do dólar, que favorece a exportação e encarece a importação, devem continuar contribuindo para que o preço do arroz no mercado doméstico se mantenha alto.

No que diz respeito aos hortifrutícolas, o preço médio de comercialização da *banana-nanica* teve uma queda de 8,6% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro de 2020, conforme era esperado. Já na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020, houve um aumento de 11,5% (gráfico 8). No início do ano, os preços estavam baixos devido ao clima mais quente do verão, que resultou na maturação da variedade nanica no Vale do Ribeira (São Paulo) e no norte de Santa Catarina. Em março, o preço aumentou em resposta à diminuição da oferta da variedade nas principais regiões produtoras e ao crescimento de vendas ao varejo devido ao isolamento social relacionado à Covid-19. Em abril, a oferta se manteve limitada em decorrência da seca desde março nessas regiões, a qual retardou o desenvolvimento das frutas nos bananais. Ainda assim, o preço teve uma queda em abril em razão do recuo da demanda – atrelado, por sua vez, à ocorrência de feriados, ao fechamento das escolas e ao funcionamento parcial ou interrompido de algumas feiras livres.

GRÁFICO 8

Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado

(Em R\$/ caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



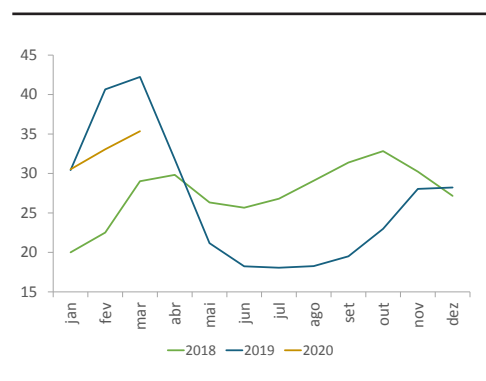
Perspectivas Banana:

A expectativa é de queda de preços da banana-nanica no segundo trimestre, pois a oferta deve aumentar nos dois últimos meses. A oferta da variedade prata também aumentará. Quanto à demanda, ela deve seguir nos mesmos patamares observados até então, mas com uma nova dinâmica e periodicidade. Isso vai depender, também, da retomada, ou não, do mercado institucional, em especial o escolar, o de *food service* e o das feiras livres, que são importantes para o setor.

Quanto à produção, segundo o LSPA/IBGE, a produção total de *banana* no país em 2020 deve ser 3,8% menor que em 2019, com uma queda de 0,4% da área e de 3,4% da produtividade.

Os preços da *laranja-pera* no mercado in natura aumentaram 24,8% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro de 2020, conforme esperado, devido ao período de entressafra no primeiro trimestre (gráfico 9). Ainda assim, os preços ficaram inferiores aos do mesmo trimestre de 2019, com uma queda de 12,7%. Isso ocorreu porque a oferta da safra 2019-2020 foi volumosa e ainda havia muitas laranjas das variedades tardias no mercado. Além disso, a partir de março, alguns volumes de laranjas precoces da safra 2020-2021 também foram ofertados (volume que se intensificará em junho ou julho), o que, somado aos impactos negativos do coronavírus na demanda, pressionou os preços para baixo em abril. A pandemia de coronavírus, por um lado, beneficiou a demanda por laranja por ser uma fruta indicada para aumentar a imunidade, mas por outro, prejudicou fortemente o consumo diante do fechamento de restaurantes e lanchonetes (já que a fruta é muito utilizada para o preparo de sucos).

GRÁFICO 9
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado (Em R\$/ caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Ccpca/Esalq/USP.



Perspectivas Laranja:

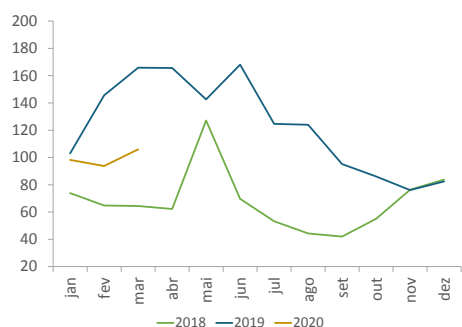
O preço da laranja deve ter uma queda no segundo trimestre. Com o processamento industrial sendo iniciado apenas em junho, a negociação do período ficará restrita ao mercado de fruta *in natura*. A redução do preço pode ser maior caso a quarentena se prolongue.

Segundo o LSPA/IBGE, a produção de *laranja* em 2020 deve aumentar 4,4% diante de 2019. Apesar da provável redução de 1,8% da área, a estimativa é de um aumento de 6,3% da produtividade.

Como esperado diante da sazonalidade usual, o preço médio de comercialização da *batata* ágata especial teve uma alta de 21,8% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro de 2020 (gráfico 10). Normalmente, de dezembro a maio, período em que ocorre a colheita da safra das águas, as temperaturas mais altas e as chuvas prejudicam a produtividade, impulsionando o aumento dos preços. Esses danos na produção em função do clima, que variam de ano a ano, foram um pouco mais expressivos na safra atual. Em abril, novamente, os preços tiveram alta, mesmo com as quedas e ou oscilações da demanda com a quarentena, devido à baixa oferta.

Ainda assim, na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020, houve uma queda de 28,1% dos preços. Segundo o LSPA/IBGE, a produção total de *batata* em 2020 deve ter uma queda de 2,1% diante de 2019. Enquanto para a área colhida espera-se estabilidade, a produtividade média deve ser 2,22% menor, pressionada pela segunda e pela terceira safra.

GRÁFICO 10
Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado
 (Em R\$/saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

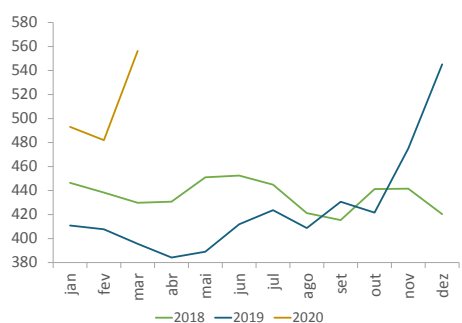


Perspectivas Batata:

Os preços no segundo trimestre de 2020 devem ter alta, apesar da queda no consumo em decorrência da pandemia do coronavírus. Com a proximidade do final da safra das águas, a oferta dessa safra recuou em abril e deverá ser ainda menor em maio. Paralelamente, espera-se pouca oferta da safra das secas que deve se iniciar.

No primeiro trimestre de 2020, o Indicador Cepea/Esalq do *café* arábica teve uma alta de 6,2% diante do último trimestre de 2019 e de 26,1% diante do primeiro trimestre de 2019 (gráfico 11). Ao longo do primeiro trimestre, o preço do café arábica permaneceu nos patamares reais de 2017. A valorização refletiu o período de entressafra e a oferta restrita de cafés finos da safra 2019-2020, a desvalorização cambial e os impactos da pandemia do coronavírus na cadeia do café. Com a Covid-19, houve aumento da demanda internacional no curto prazo (devido às estocagens de produtos); problemas de logística decorrentes das restrições de mobilidade interna nos países (além da especulação, à época, sobre dificuldades de transporte, principalmente o marítimo, do café), especialmente em outras origens, como Vietnã, Colômbia e Indonésia; e aceleração do consumo dos estoques de passagem nos países consumidores, que reforçaram o movimento de alta dos preços do arábica. Em abril, o preço teve novamente uma forte alta, ainda refletindo a baixa oferta e a desvalorização cambial.

GRÁFICO 11
Indicador Cepea/ESALQ do café arábica
 (Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Café:

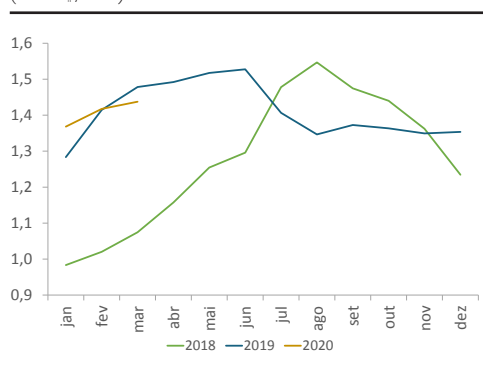
Apesar das expectativas de boa produção no Brasil na safra 2020-2021, ainda se esperam preços elevados no segundo trimestre de 2020. A colheita no Brasil deve ganhar força apenas em meados de maio, com uma maior quantidade de café novo chegando ao mercado apenas em junho. Esse cenário, aliado à expectativa de demanda ainda satisfatória de cafés no curto prazo (para a recomposição dos estoques), especialmente os bons e finos, pode contribuir para manter os preços elevados no primeiro semestre de 2020.

Segundo a Conab, a produção de *café* na safra 2020 deve apresentar uma alta de 15,9% a 25,8% diante de 2019, com um ganho de 1,4% da área e de 11,4% a 20,9% da produtividade. O maior volume é reflexo da influência da bialidade positiva para o arábica sobre quase todas as regiões produtoras, além das melhores condições climáticas, que também podem contribuir para o maior rendimento no beneficiamento.

A média do preço do *leite* ao produtor no Brasil teve uma alta de 3,9% entre o último trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2020 – na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020, teve uma alta de 1,1% (gráfico 12). No primeiro trimestre do ano, houve a continuidade do que se registrou no último trimestre de 2019: preços ao produtor em altos patamares em decorrência da competição acirrada entre os laticínios para assegurar mercado, além da oferta limitada de leite no campo. Os últimos dados do Cepea mostram que, de janeiro a março de 2020, o Índice de Captação de Leite (ICAP-L) teve uma queda acumulada de 11,5% na “média Brasil”, atrelada principalmente à instabilidade climática (fortes variações nos regimes de chuvas), que limitou a disponibilidade de pastagens e de alimentação animal. A situação mais drástica ocorreu no Sul do país, que enfrenta uma forte estiagem.

GRÁFICO 12

Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Leite:

A influência da pandemia da Covid-19 no preço do leite ao produtor deve acontecer em maio (referente à captação de abril). Além da queda da produção de derivados já retratada em abril, o aumento da incerteza, as perspectivas negativas sobre o consumo de derivados no médio e no longo prazo e o preço ainda alto do leite (pelas condições de oferta) têm levado à redução do investimento das indústrias em estoques, o que deve acabar pressionando o preço ao produtor.

Outros fatores que desestimularam a produção foram a alta dos preços da ração concentrada, em decorrência da valorização dos grãos, e o maior abate de vacas-leiteiras, devido à elevação dos preços no mercado de corte no final de 2019. A restrição da oferta foi ainda intensificada pela saída de produtores da atividade nos últimos anos e pela grande insegurança – verificada em anos anteriores e neste também – em realizar investimentos de longo prazo diante das incertezas no curto prazo. O preço ao produtor em abril (referente à captação de março)⁵ manteve a tendência de alta. Os impactos da Covid-19 no consumo de lácteos ocorreram a partir de 17 de março, quando a pesquisa diária do Cepea, realizada com o apoio financeiro da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), registrou um cho-

5. O preço no campo é formado depois das negociações quinzenais do leite no mercado spot e da venda dos derivados lácteos. Assim, a defasagem temporal entre a produção e a comercialização dos derivados causa a diferença de um mês no repasse das condições de mercado para o produtor.

que de demanda e altas de preços para o leite UHT e dificuldades de escoamento e queda de preços no mercado de muçarela. A paralisação de serviços de alimentação e a diminuição da frequência das compras e da renda dos consumidores impactaram negativamente o consumo de diversos derivados em abril, especialmente os refrigerados (perecíveis), que têm maior valor agregado para as indústrias. Com isso, a produção dos derivados recuou e o volume de leite no mercado *spot* (leite cru disponível entre as indústrias) aumentou.

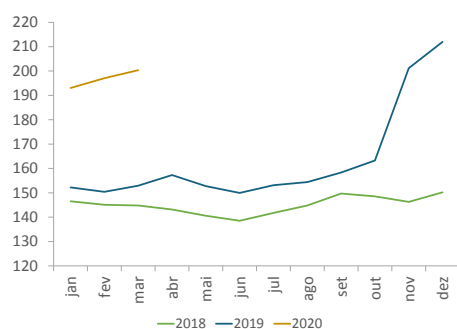
O Indicador Esalq/B3 do preço do *boi gordo* teve uma alta de 2,4% entre o quarto trimestre de 2019 e o primeiro trimestre de 2020, e de 29,6% na comparação entre os primeiros trimestres de 2019 e de 2020 (gráfico 13). As vendas externas aquecidas somaram-se à oferta relativamente restrita de animais para o abate, dando sustentação aos preços nos três primeiros meses do ano, mesmo em meio a todas as incertezas causadas pela pandemia da Covid-19. Com o avanço dos casos de coronavírus no Brasil, a partir da segunda quinzena de março, o mercado pecuário passou a operar com mais instabilidade, o que se estendeu até abril. Apesar disso, operadores ligados ao segmento atacadista mostraram que a demanda de brasileiros pela carne bovina tem se mantido estável, especialmente por cortes mais baratos. Como resultado, os preços da carne no atacado, assim como a arroba de boi, têm se mantido em patamares elevados, mesmo com o crescimento na competitividade das proteínas substitutas, de frango e suína, que tiveram um forte movimento de queda de preços em abril.



Perspectivas Boi:

O receio de que o possível arrefecimento da economia global diante da Covid-19 poderia limitar as vendas brasileiras de carne, especialmente à Ásia (maior destino da proteína nacional), tem sido substituído por expectativas mais positivas para as exportações e para o valor da arroba bovina. Isso decorre do fato de a demanda internacional pela carne bovina seguir aquecida, principalmente por parte da China, somado à proximidade da entressafra da produção de bovinos. Há, no entanto, alguma cautela por parte do setor na formação de expectativas no que diz respeito às possíveis respostas negativas da demanda doméstica diante do período de pandemia e da reposição do rebanho, já que o valor dos animais dessa categoria tem sido considerado alto.

GRÁFICO 13
Indicador Esalq/B3 do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)

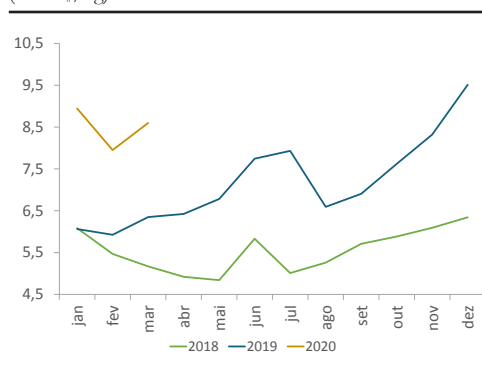


Fonte: Cepea/Esalq/USP.

No primeiro trimestre de 2020, o preço da *carcaça especial suína* no atacado da capital paulista ficou praticamente estável diante do trimestre anterior (crescimento de 0,2%), mas ainda 39% maior que o preço médio do primeiro trimestre de 2019 (gráfico 14). Para o suíno vivo, houve uma alta de 1,4% e de 45,2% nas comparações entre o primeiro trimestre de 2020 e o último e o primeiro de 2019, respectivamente. Esse cenário se deveu ao bom ritmo de embarques da carne brasileira e à menor oferta de animais em peso ideal para o abate. Em contraponto, o tradicional recuo das vendas domésticas nos primeiros meses do ano, somado às medidas de distanciamento social adotadas no Brasil em meados de março, diminuiu a liquidez

da carne suína e atuou pressionando as cotações da carne e, depois, do suíno vivo. Em abril, os preços tiveram uma forte queda para toda a cadeia suinícola. O fechamento ou funcionamento parcial de restaurantes e outros serviços de alimentação no Brasil reduziu a liquidez no mercado de carne, fazendo com que a indústria acumulasse estoques e reduzisse a demanda por novos lotes de animais para o abate. Isso ocorreu mesmo com o bom desempenho das exportações no mês, sobretudo para a China.

GRÁFICO 14
Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado
 (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

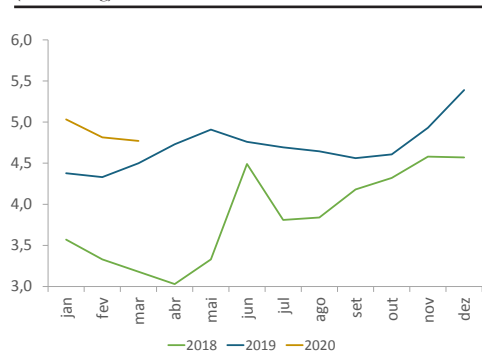


Perspectivas para a carne suína

O avanço da pandemia de Covid-19 e suas consequências, ao reduzir a demanda de restaurantes, escolas, hotéis e outros serviços de alimentação por carnes, têm resultado em um menor volume de negociações do suíno vivo e das carnes e em fortes quedas nos preços. Espera-se que, à medida que esses estabelecimentos voltem a operar, ocorram reajustes positivos nos preços. Há a expectativa também de que a necessidade de importação da China, maior comprador da carne brasileira, e o fechamento temporário de plantas frigoríficas nos Estados Unidos (um dos principais exportadores mundiais de carne suína) corroborem para a sustentação do setor suinícola brasileiro.

Após iniciar o ano em alta, o preço médio do *frango* resfriado, no atacado da grande São Paulo, teve quedas consecutivas, com uma redução de 2,1% diante do trimestre imediatamente anterior (gráfico 15). O movimento refletiu a menor demanda doméstica por carne, devido ao período de férias escolares e à redução no poder aquisitivo da população. Apesar da queda trimestral, na comparação com o primeiro trimestre de 2010, houve uma alta de 10,7%. Em abril, o preço teve queda, em decorrência da menor demanda doméstica diante dos efeitos das medidas contra a Covid-19 sobre o funcionamento dos serviços de alimentação. Assim como para a carne suína, o ritmo de exportações foi aquecido em abril para a carne de frango.

GRÁFICO 15
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado
 (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

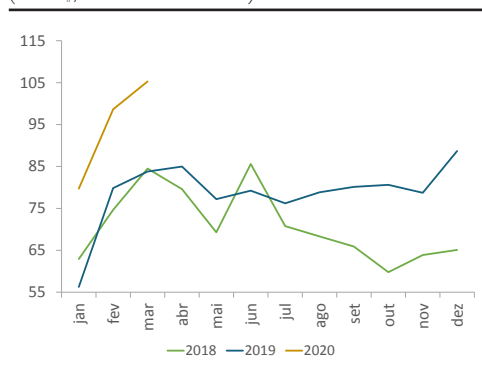


Perspectivas para a carne de Frango

Apesar do aumento das exportações de carne de frango *in natura*, a dificuldade de escoar a produção no mercado nacional, principalmente diante da diminuição da procura de serviços de alimentação, como hotéis e restaurantes, tem pressionado para baixo os preços domésticos da carne. Com a produção, tanto de aves quanto de carne, acima da demanda, a expectativa é que parte das agroindústrias reduza os alojamentos e consequentemente os níveis de produção (lembra-se que a cadeia avícola é altamente verticalizada, de modo que a indústria controla grande parte do volume da produção de frango vivo das granjas).

Na comparação entre o primeiro trimestre de 2020 e o último de 2019, o indicador Cepea/Esalq do preço do ovo teve uma alta de 14,4% e, na comparação com o primeiro trimestre de 2019, houve um aumento de 29% (gráfico 16). O primeiro trimestre de 2020 foi marcado pela menor oferta de ovos no mercado e pelo aumento da procura no período de Quaresma. A atratividade das vendas no mercado doméstico fez ainda com que as exportações de ovos para o consumo atingissem, em janeiro, o menor patamar em treze anos. Entre o fim de março e o início de abril, o cenário de oferta restrita foi de encontro ao aumento da demanda devido à pandemia e, com isso, os preços dos ovos atingiram patamares recordes.

GRÁFICO 16
Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco (Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

Com o fim da Quaresma e o início da segunda quinzena de abril, as vendas de ovos se desaqueceram, interrompendo o longo período de alta nos preços observado desde meados de janeiro. Para os próximos meses, a expectativa é que o mercado opere em patamares de preços mais baixos que os atuais.

O primeiro trimestre de 2020 foi marcado por preços agropecuários elevados, tanto de produtos agrícolas quanto pecuários, seja na comparação com o trimestre imediatamente anterior, seja com o primeiro trimestre de 2019. A desvalorização do real diante do dólar foi um fator determinante para esse resultado, tendo contribuído para as altas dos preços da soja, do trigo, do algodão, do arroz, do café e das carnes no trimestre.

Para alguns produtos, a baixa disponibilidade também contribuiu para impulsionar os preços. No caso do milho, as exportações recordes em 2019 e a produção enxuta da safra de verão explicam a oferta restrita no período. Para o leite, fatores de desestímulo à produção, como o atual aumento do custo de produção, a saída de produtores da atividade nos últimos anos e a grande insegurança em realizar investimentos, somaram-se ao maior abate de vacas devido aos altos preços no mercado de corte e a problemas climáticos que limitaram a disponibilidade de pastagens. Além destes, a oferta de animais prontos para o abate também esteve restrita para o boi gordo e os suínos.

De modo geral, a pandemia da Covid-19 contribuiu para o aumento dos preços agropecuários em março. Além do seu impacto via efeito de desvalorização cambial, a possibilidade de isolamento social com a chegada do vírus ao Brasil causou, naquele momento, picos de demanda que impulsionaram os preços do arroz, da banana, do café e dos ovos, por exemplo.

Já de abril em diante, os efeitos da Covid-19 sobre os preços agropecuários foram difusos. Os preços da soja e do trigo foram favorecidos, respectivamente, pela restrição nos portos argentinos como medida de controle e pelas restrições às exportações nesse país. Os preços do arroz e do café também foram favorecidos, via incrementos de demanda para a estocagem. Em contrapartida, o ambiente de incertezas e a queda na demanda doméstica levaram a reduções de preços do milho, do algodão, da laranja, dos suínos e aves e dos derivados lácteos (que logo deverão ser repassadas ao produtor no campo). O preço da arroba bovina, por sua vez, parece não ter sido afetado, com a demanda doméstica tendo se mantido estável, especialmente por cortes mais baratos.

Em termos de perspectivas para os próximos meses, os cenários para os produtos agropecuários são diversos. Esperam-se preços em patamares elevados para a soja, o trigo, o café, a batata e o boi gordo. No caso da soja, as boas perspectivas baseiam-se no desempenho das exportações e na manutenção da desvalorização do real diante do dólar. Para o trigo, além da desvalorização cambial, as restrições às exportações argentinas devem manter os preços altos. Quanto ao café, o aumento da oferta da safra brasileira, que este ano é de bienalidade positiva, só deve ocorrer em junho, o que, somado à demanda satisfatória, sobretudo por cafés bons e finos, deve sustentar os preços. No caso da batata, a perspectiva positiva para os preços tem como fundamento a expectativa de oferta restrita nos próximos meses. E, para o boi gordo, a proximidade da entressafra se soma à expectativa de a demanda internacional pela carne bovina seguir aquecida, principalmente por parte da China.

Em sentido oposto, para produtos como algodão, banana, laranja e leite, as perspectivas para os preços são de baixa nos próximos meses. No caso do algodão, além da forte queda no consumo do produto e de vestuários, a cadeia deve continuar prejudicada pela redução dos preços internacionais do petróleo. Para a banana, a oferta deve aumentar nos próximos meses, e a magnitude da queda nos preços vai depender da retomada, ou não, do mercado institucional, em especial o escolar, o de *food service* e o das feiras livres. Quanto à laranja, além da menor demanda decorrente da quarentena, o processamento industrial só deve iniciar em junho, o que aumentará a disponibilidade da fruta. Já para o leite, a queda do preço no campo deve refletir a redução na demanda pelos derivados lácteos de maior valor agregado.

Para outros produtos agropecuários, o movimento dos preços vai depender do balanço de forças entre fundamentos de alta e de baixa, com destaque para o papel negativo da paralisação da economia sobre a demanda doméstica. No caso do milho, por exemplo, a oferta continuará restrita nos próximos meses, mas os preços podem ser pressionados para baixo pelas reduções nas cotações internacionais do produto e pelas incertezas quanto ao consumo doméstico. Para os suínos, as boas expectativas quanto às importações da China e o fechamento temporário de plantas frigoríficas nos Estados Unidos devem favorecer os preços, mas as dificuldades de escoamento no mercado doméstico devem atuar com força contrária. E, no

caso do setor avícola, a oferta deverá ser ajustada à demanda pelo setor, a fim de regular os preços e impedir quedas significativas.



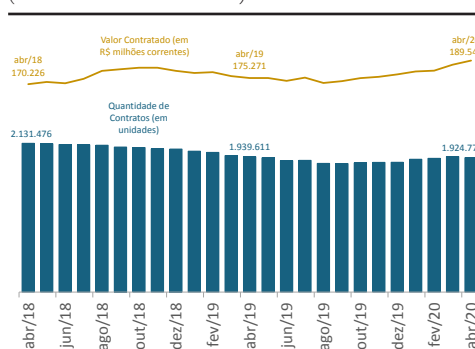
4 Crédito rural⁶

O desempenho do crédito rural nos primeiros quatro meses do ano (janeiro a abril) foi positivo, em especial no bimestre março-abril, período marcado pelo enfrentamento da pandemia da Covid-19 no Brasil. Esse bom desempenho é resultado do esforço conjunto do governo federal e das entidades integrantes do SNCR para preservar o crédito ao setor agropecuário, considerado estratégico no enfrentamento da crise. O volume total do crédito rural no bimestre março-abril cresceu, em termos reais,⁷ 26,8% ante igual período do ano passado. Entre as principais tipologias do crédito, merecem destaque no bimestre o crescimento do volume de crédito rural ao custeio, com 31,5%; o crédito originado pelos bancos públicos, com 29,6%; o crédito às pessoas físicas, com 20,2% (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf: 17,5%; Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural – Pronamp: 31,5%; e Pessoa Física empresarial: 18,2%); e o crédito à agricultura, com 27,6%. Em relação às condições do crédito (taxa de juros, inadimplência e prazos médios), cujos dados disponíveis vão apenas até março de 2020, essas permanecem positivas, exceto pela manutenção da alta inadimplência da carteira a taxas de mercado para pessoas jurídicas, mas sem mudanças em relação ao observado na última *Carta de Conjuntura*. Ainda não se observou qualquer impacto devido à piora do cenário econômico decorrente da pandemia. Em suma, em virtude da ação tempestiva para preservação do crédito rural, espera-se que sua evolução em 2020 continue positiva e como um importante instrumento de apoio à produção agropecuária brasileira.

4.1 Contratações de crédito⁸

Em abril de 2020, o volume de crédito rural contratado totalizou, em valores correntes, no acumulado em doze meses, R\$ 189,5 bilhões – avanço de 1,8% em relação a março de 2020 e 8,1% ante abril de 2019. A quantidade total de contratos em doze meses alcançou 1.924.779, recuo de 0,9% em relação a março de 2020 e 0,8% ante abril de 2019. Com isso, mantém-se a trajetória, iniciada em setembro de 2019, de recuperação do volume do crédito contratado, ainda que, em abril de 2020, o número de contratos tenha caído, resultando na elevação do valor médio mensal do contrato, que atingiu R\$ 138.149 no mês.

GRÁFICO 17
Crédito rural contratado
(Acumulado em doze meses)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR).
Extração de 02 de maio de 2020.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

6. Seção elaborada por Fabio Servo, da Diset/Ipea.

7. Valores a preços de abril de 2020 deflacionados pelo Índice Geral de Preços do Mercado (IGP-M), apurado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

8. Dados do Banco Central do Brasil (BCB), extraídos da Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR), posição de 2 de maio de 2020.

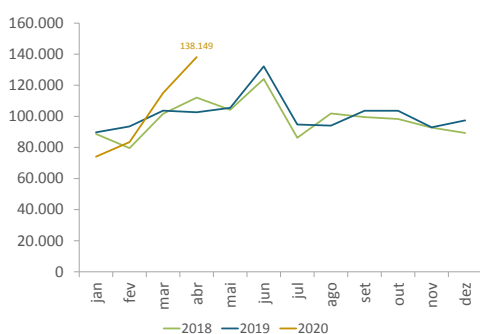
É importante destacar que, exceto pela quantidade dos contratos e, consequentemente de seu valor médio, não se observa impacto negativo da atual crise sobre o desempenho do crédito rural contratado. Quando comparamos a trajetória em 2020 com a dos anos anteriores, as perspectivas para o volume do crédito contratado, em termos reais, mostram-se mais positivas que as do ano passado e mais próximas ao observado em 2018. O volume de crédito contratado em abril de 2020, de R\$ 16,5 bilhões, está, em valores reais, 17,7% acima do registrado em abril de 2019, e o valor médio do contrato, 34,6% superior. Já a quantidade de contratos no mês (119.340) situa-se em patamar 12,6% inferior a igual mês do ano passado. Aliás, essa redução da quantidade de contratos afasta a hipótese da busca por antecipação pelo setor das operações de crédito rural com o receio da crise. Em suma, ainda que a piora das expectativas econômicas tenha afetado o valor do ticket médio do contrato, aparentemente concentrando em operações de maior valor, essa mudança não foi significativa a ponto de comprometer o crédito rural de maneira geral, como será visto a seguir.

GRÁFICO 18
Valor Mensal do Crédito Rural Contratado
 (Valor Real Mensal (em R\$ milhões de Abr/2020*))



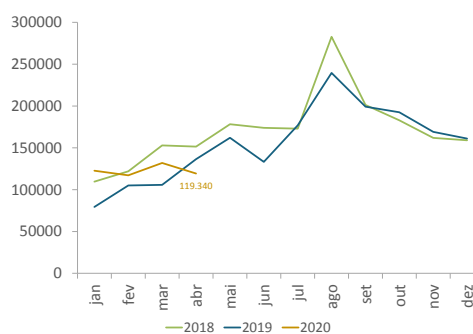
Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

GRÁFICO 19
Valor Médio Mensal do Crédito Rural Contratado
 (Valor Real Mensal, em R\$ de Abr/2020*)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
 Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

GRÁFICO 20
Contratação Mensal do Crédito Rural
 (Quantidade Total de Novos Contratos Mensais)

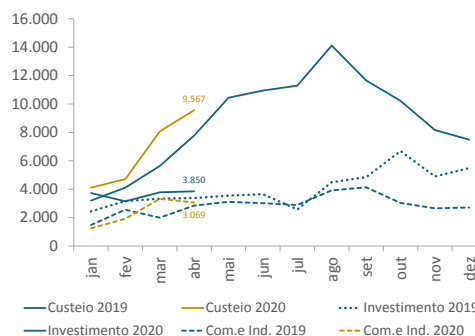


Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Quando se avalia a finalidade do crédito, percebe-se que a principal linha, voltada para o custeio da atividade agropecuária, vem registrando desempenho muito positivo no ano, alcançando R\$ 9,6 bilhões em abril de 2020, alta de 23,0%, em termos reais, ante abril de 2019. O mesmo resultado se observa para as linhas de inves-

timento, com R\$ 3,8 bilhões (13,9%), e comercialização e industrialização, com R\$ 3,1 bilhões (7,8%), na mesma base de comparação. Isso também ocorre com os valores correntes acumulados em doze meses, em que o crédito rural para custeio agropecuário alcançou, em abril de 2020, R\$ 106,8 bilhões (12,3% ante abril de 2019), e o crédito para investimento totalizou R\$ 48,9 bilhões (7,5%). Apenas o crédito para comercialização e industrialização, que somou R\$ 33,8 bilhões, por essa mesma métrica, em abril de 2020, apontou recuo de 2,6%, devido fundamentalmente ao crédito à comercialização

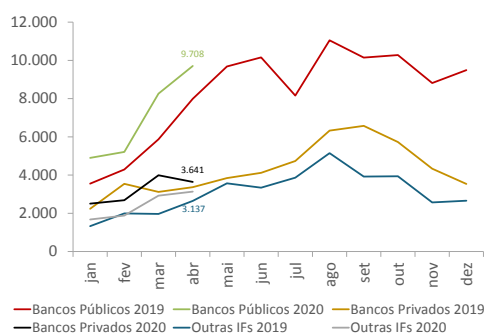
GRÁFICO 21
Valor Mensal do Crédito Rural Contratado por Finalidade 2019 e 2020
(Valor Real Mensal, em R\$ milhões de Abr/2020*)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

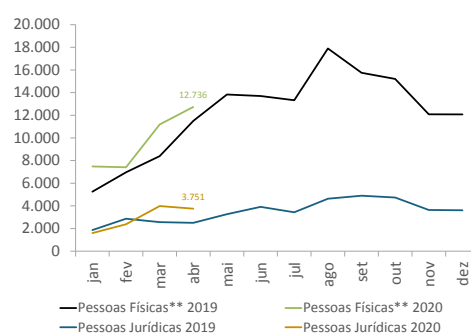
Os bancos públicos tiveram papel destacado no avanço do crédito rural este ano. Quando se analisa o crédito rural por instituição financeira (IF) originadora, constata-se que, em abril de 2020, o volume de crédito rural contratado junto a bancos públicos foi de R\$ 9,7 bilhões, alta de 21,5%, em termos reais, ante abril de 2019. Os bancos privados, com R\$ 3,7 bilhões (8,1%), e outras IFs (incluindo cooperativas de crédito), com R\$ 3,1 bilhões (18,5%), também registram significativo crescimento. Na métrica do acumulado em doze meses dos valores correntes contratados, os resultados também são positivos. Os bancos públicos nos últimos doze meses terminados em abril de 2020 originaram R\$ 102,1 bilhões de crédito rural (6,4% ante abril de 2019). Já os bancos privados contrataram R\$ 50,2 bilhões (5,0%) e outras IFs (incluindo cooperativas de crédito), R\$ 37,2 bilhões (18,2%).

GRÁFICO 22
Valor Mensal do Crédito Rural Contratado por IF Concedente 2019 e 2020
(Valor Real Mensal em R\$ milhões de Abr/2020*)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 23
Valor Mensal do Crédito Rural Contratado por Tomador 2019 e 2020
(Valor Real Mensal em R\$ milhões de Abr/2020*)

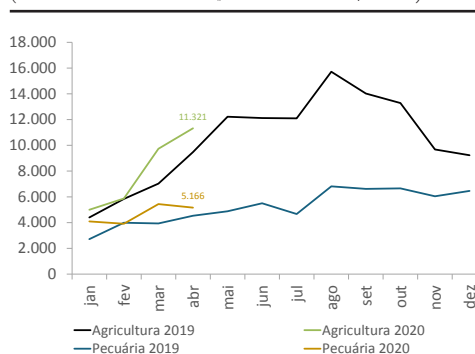


Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV). ** Incluem produtores pessoas físicas de todos os portes: Pronaf, Pronamp e PF empresarial.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

9. Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste do Brasil, Banco da Amazônia, Banco do Estado do Rio Grande do Sul, Banco de Brasília, Banco do Estado de Sergipe e Banco do Estado do Espírito Santo.

Analisando os dados por tipo de tomador do crédito rural, verifica-se que produtores de todas as escalas e naturezas têm sido alcançados pelo bom desempenho das contratações de crédito em 2020. Em abril de 2020, o volume contratado pelos produtores pessoas físicas (PF) foi de R\$ 12,7 bilhões, alta de 10,7%, em termos reais, ante abril de 2019. Considerando a escala do produtor PF,¹⁰ observa-se que o volume contratado pelos produtores do Pronaf cresceu 6,9%, do Pronamp, 25,9% e PF Empresarial, 8,1% na mesma base de comparação. O crédito aos produtores pessoas jurídicas (PJ), R\$ 3,8 bilhões, avançou 49,9% no mês ante igual mês de 2019, em termos reais. No acumulado em doze meses até abril de 2020, em valores correntes, também se registra resultado positivo para os produtores PF (alta de 13,3% ante abril de 2019), seja Pronaf (8,9%), Pronamp (+43,0%) ou PF empresarial (7,8%). Apenas o crédito ao produtor PJ ainda registra queda nessa métrica de 6,7%, mas em sólida recuperação desde setembro de 2019.

GRÁFICO 24
Valor Mensal do Crédito Rural Contratado por Atividade 2019 e 2020
 (Valor Real Mensal em R\$ milhões de Abr/2020*)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.

Nota: * Valores deflacionados pelo IGP-M da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por fim, no que tange à atividade financiada pelo crédito, tanto a agricultura quanto a pecuária vêm registrando desempenho positivo em 2020, com maior destaque para a primeira. Em abril de 2020, a agricultura contratou R\$ 11,3 bilhões, alta de 19,5%, em termos reais, ante abril de 2019. Já a pecuária buscou R\$ 5,2 bilhões de recursos no mês, montante 14,0% acima de igual mês do ano passado. No acumulado em doze meses, em valores correntes, o volume de crédito para a agricultura já alcança R\$ 125,6 bilhões até abril de 2020 (2,0% ante abril de 2019) e a pecuária, R\$ 63,9 bilhões (1,5%)

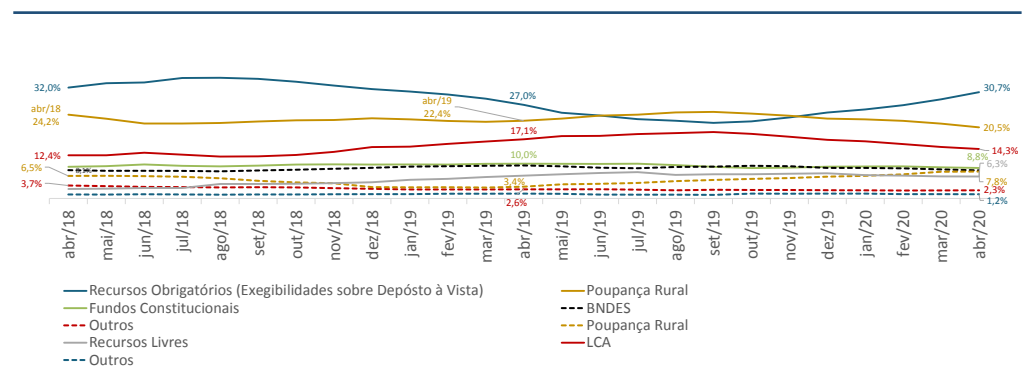
No que diz respeito às fontes de recursos do crédito rural, houve pouca alteração da tendência registrada na última *Carta de Conjuntura* de Economia Agrícola. Para o atual Plano Safra, permanece o excesso no cumprimento da exigibilidade da poupança rural e das Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs), bem como a falta na exigibilidade sobre os depósitos à vista por parte das instituições financeiras.¹¹ Dessa forma, os recursos oriundos das exigibilidades sobre recursos à vista alcançaram R\$ 57,9 bilhões, em valores correntes, no acumulado em doze meses, ou 30,7% do total, mantendo a trajetória de alta iniciada no último trimestre do ano passado. Por sua vez, as exigibilidades da poupança rural totalizaram R\$ 38,7 bilhões, ou 20,5% do total, na mesma métrica, seguindo trajetória de queda. Com isso, o total de recursos obrigatórios (controlados) correspondeu, nos doze meses

10. Pronaf: produtor PF com renda bruta agropecuária anual (RBA) até R\$ 415 mil; Pronamp: produtor PF com RBA superior a R\$ 415 mil até R\$ 2 milhões; PF empresarial: produtor PF com RBA superior a R\$ 2 milhões.

11. Ver Boletim Derop Crédito Rural e Proagro (março 2020) do Departamento de Regulação, Supervisão e Controle das Operações do Crédito Rural e do Proagro (Derop), Banco Central do Brasil (BCB).

até abril de 2020, a 70,4% das fontes de recursos do crédito rural. Entre os recursos livres (não controlados), que na mesma métrica participaram com 29,6% do volume total das fontes, o destaque continua sendo as LCAs com R\$ 26,9 bilhões, ou 14,3% do total, mas também em trajetória de queda devido ao sobrecumprimento das exigibilidades.

GRÁFICO 25
Crédito Rural Contratado por Fonte
 (Participação % no Valor Total Acumulado em 12 Meses)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 02 de maio de 2020.
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4.2 Desempenho da contratação do crédito rural no bimestre março-abril/2020 no contexto da Covid-19

O bom desempenho do crédito rural este ano é ainda mais destacado pelos resultados do bimestre março-abril quando os efeitos adversos da Covid-19 no Brasil começaram a ser sentidos na economia.

O volume total do crédito contratado avançou, em termos reais, 26,8% no bimestre ante igual período de 2019, acelerando em relação ao observado no início do ano. Já o número total de contratos avançou 3,7% na mesma base de comparação. E esse desempenho é observado nas diferentes tipologias do crédito originado.

Considerando a finalidade do crédito, todas as linhas apresentaram forte crescimento. O volume do crédito contratado para custeio avançou, em termos reais, 31,5% em março-abril/2020 ante março-abril/2019. O crédito voltado para investimento, com 13,7%, comercialização, com 25,0% e industrialização, com 56,0%, seguiu na mesma direção.

Também a originação do crédito rural pelos bancos públicos acelerou no bimestre. O total contratado em março-abril avançou 29,6%, em termos reais, ante o mesmo período de 2019. Mas as demais IFs não ficaram muito atrás. Os bancos privados registraram crescimento de 17,6% do volume real de crédito rural contratado, e as cooperativas de crédito, 29,4%.

A contratação também não discriminou o tipo de tomador. Todos os segmentos apresentaram expressivo crescimento no bimestre. Entre os tomadores PF, a maior alta em março-abril foi do médio produtor (Pronamp), com 31,5%, em termos reais, ante igual período do ano passado. Mas o pequeno produtor (Pronaf) e o grande produtor (PF empresarial) também registraram fortes altas, com 17,5% e 18,2%, respectivamente. Até o tomador PJ, que enfrentou uma primeira metade de 2019 bastante difícil, com elevação da inadimplência e do risco, e queda na contratação do crédito, mas que vinha em trajetória de recuperação desde setembro, teve seu melhor bimestre, com alta de 52,5%, em termos reais, na mesma base de comparação.

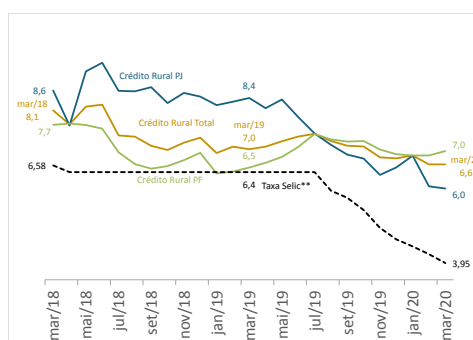
Por fim, o avanço do crédito também teve desempenho homogêneo entre as atividades, com a agricultura apresentando elevação de 27,6% do volume real de crédito no bimestre março-abril/2020 ante março-abril/2019, ao passo que o crédito voltado à atividade pecuária cresceu 25,2%.

Esse bom desempenho do crédito rural no bimestre no início da crise da Covid-19 no Brasil resulta do esforço conjunto e tempestivo do governo federal e das entidades integrantes do SNCR para preservar o crédito ao setor agropecuário, considerado estratégico no enfrentamento da crise.

4.3 Condições do crédito¹²

As taxas médias de juros do crédito rural anualizadas mantiveram, em março de 2020, a suave trajetória de queda dos últimos meses (-0,41 p.p. em doze meses e estabilidade em um mês), com 6,0% ao ano (a.a.), resultado de uma taxa média de 7,0% a.a. para as linhas às PFs (variação de 0,44 p.p. em doze meses e 0,12 p.p. em um mês) e de 6,0% a.a. para as linhas às PJs (-2,44 p.p. em doze meses e -0,06 p.p. em um mês). Nos últimos doze meses, as linhas de crédito rural às PFs, que têm maior proporção de operações a taxas reguladas, vêm observando uma pequena alta do crédito regulado e do BNDES, que em março registraram 6,52% a.a. (0,44 p.p. em doze meses e 0,10 p.p. em um mês) e 7,91% a.a. (0,99 p.p. em doze meses e 0,35 p.p. em um mês), respectivamente. Já as linhas a taxas de mercado, com 8,76% a.a. em março (-2,03 p.p. em doze meses e 0,06 p.p. em um mês), vêm apresentando recuo. As linhas às PJs, que têm maior proporção de operações a taxas de mercado, têm mantido trajetória de queda. Em

GRÁFICO 26
Juros Médios do Crédito Rural
 (Taxas de juros médias ponderadas* anualizadas, % a.a.)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

Nota: * Ponderada pelo volume de novas concessões. ** Taxa Selic acumulada no mês anualizada base 252 (% a.a.)

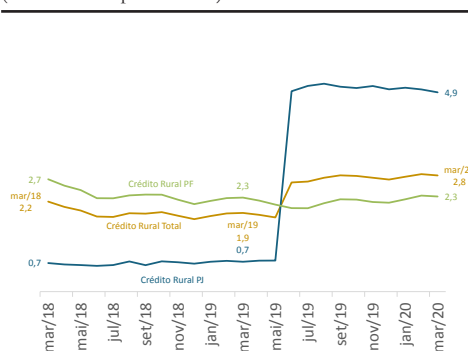
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

12. Dados do BCB, extraídos do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS, com base no Sistema de Informações de Crédito (SCR). Posição de 2 de maio de 2020.

março, o crédito rural às PJs a taxas de mercado apresentou uma taxa média de juros de 6,34% a.a. (-2,74 p.p. em doze meses e -0,27 p.p. em um mês), 5,41 a.a. (-2,24 p.p. em doze meses e 0,08 p.p. em um mês) para taxas reguladas e 7,81% a.a. (-1,07 p.p. em doze meses e 0,53 p.p. em um mês) para o crédito do BNDES. A pressão de alta dos juros regulados e do BNDES se deve a ajustes realizados sobre as linhas reguladas e subsidiadas, em especial do BNDES. Já os juros de mercado vêm em trajetória de queda, acompanhando a redução da taxa média de juros Selic, que em março foi de 3,95% a.a. (redução de 2,45 p.p. em doze meses e 0,24 p.p. em um mês).

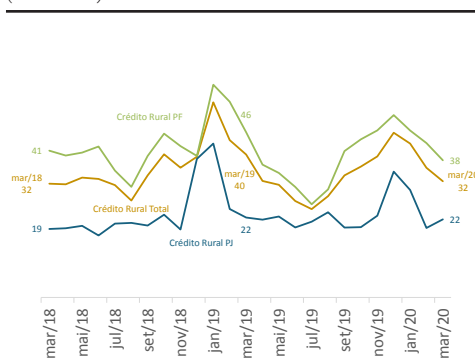
No que tange ao nível da inadimplência da carteira do crédito rural, também não houve mudanças significativas no observado na última *Carta de Conjuntura*. A inadimplência média total dessa carteira mantém-se no patamar de 2,8% (0,92 p.p. em doze meses e -0,03 p.p. em um mês) da carteira, com atraso de mais de 90 dias, devido fundamentalmente ao crédito às PJs, que mantém o salto registrado em junho do ano passado devido a pedidos de recuperação judicial de importantes empresas do setor. O crédito às PFs apresenta uma inadimplência média estável de 2,3% (0,03 p.p. em doze meses e -0,02 p.p. em um mês), mas com uma queda nos índices das linhas a taxas de mercado, com 2,15% (-0,89 p.p. em doze meses e -0,14 p.p. em um mês), e do BNDES, com 0,65% (-0,18 p.p. em doze meses e -0,04 p.p. em um mês), além de uma pequena alta no crédito regulado, com 2,90% (0,24 p.p. em doze meses e 0,02 p.p. em um mês). No caso do crédito às PJs, em março há uma inadimplência média de 4,9% (4,14 p.p. em doze meses e -0,07 p.p. em um mês), resultante da manutenção da alta inadimplência média de operações a taxas de mercado: 7,56% (7,36 p.p. em doze meses e -0,09 p.p. em um mês). Já as operações a taxas reguladas e do BNDES registram uma baixa inadimplência média: 1,70% (-0,10 p.p. em doze meses e 0,02 p.p. em um mês) e 0,44% (estabilidade em doze meses e -0,25 p.p. em um mês), respectivamente.

GRÁFICO 27
Inadimplência do Crédito Rural - crédito em atraso de mais de 90 dias (% da carteira ponderada*)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).
Nota: * Ponderada pelo volume dos saldos das carteiras
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 28
Prazo Médio do Crédito Rural prazo médio ponderado das concessões* (Em meses)



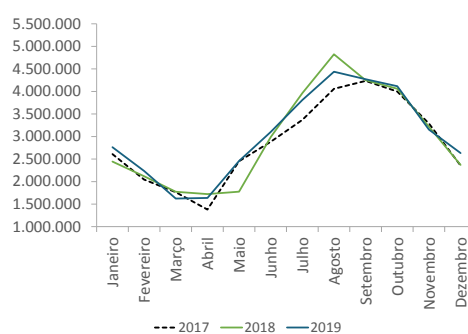
Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).
Nota: * Ponderado pelo volume de novas concessões.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Finalmente, o prazo médio das novas operações de crédito rural manteve a redução que vem sendo observada em relação ao pico de dezembro de 2019. Vale ressaltar que, assim como a alta do fim de 2018 deveu-se à repactuação de linhas do crédito rural regulado (especialmente às PFs), o pico do fim de 2019 deveu-se à revisão de linhas do BNDES (para PFs e PJs). Dessa forma, o prazo médio do crédito rural em março retorna aos seus níveis médios que vêm sendo observados, com relativa estabilidade, nos últimos dois anos: 38 meses para o crédito às PFs e 22 meses às PJs, levando ao prazo médio total de 32 meses. As novas concessões de crédito a taxas de mercado às PFs apresentam 37 meses de prazo médio e às PJs, 20 meses. As linhas a taxas reguladas registram prazos médios de 33 meses às PFs e 16 meses às PJs. As linhas do BNDES têm 84 meses às PFs e 103 meses às PJs como prazos médios de suas novas concessões.

5 Insumos¹³

O início da Covid-19 no Brasil coincidiu com o período que costuma ser de menor consumo de insumos agropecuários (gráfico 29). A maior parte da safra já foi plantada e o setor aguarda o lançamento do Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2020-2021 para planejar o próximo plantio. Embora a Associação Nacional para a Difusão de Adubos (ANDA) disponibilize apenas os dados de consumo efetivo de fertilizantes até dezembro de 2019, o comportamento da aquisição desses produtos ao longo do ano tem sido o mesmo, com menores patamares em março e em abril.

GRÁFICO 29
Brasil: consumo efetivo de fertilizantes
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2019.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

A queda no consumo efetivo de fertilizantes já foi observada na seção de comércio exterior de produtos do agronegócio. Os dados da SECEX apresentados nessa seção sinalizam um cenário preocupante para 2020. Praticamente todos os insumos importados apresentaram queda de janeiro a abril deste ano em relação ao mesmo período do ano anterior, o que significa que provavelmente o consumo desses insumos em 2020 – produção doméstica e importados – poderá ser ainda mais baixo que o mínimo observado nos anos anteriores. Se essa expectativa for confirmada, os estados que mais poderão ser afetados são: Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Goiás, atualmente os principais consumidores de fertilizantes do país.

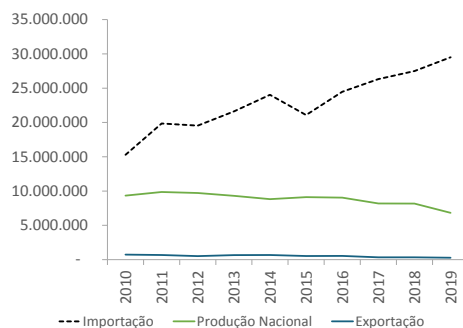
13. Seção elaborada por Jefferson Staduto, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste); Ana Cecília Kreter, da Dimac/Ipea; e por Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira, da Universidad Del Valle.

A pandemia causada pela Covid-19 gerou uma corrida aos supermercados no início da quarentena e a preocupação de realizar estoques de alimentos nos domicílios. O temor inicial com relação ao desabastecimento de produtos de consumo diário não se confirmou, e o setor agropecuário tem se mantido em crescimento, impulsionado tanto pelo mercado doméstico quanto pelas exportações. Na verdade, a expansão do setor agropecuário é resultado da incorporação de novas áreas para o plantio e do aumento da produtividade. E essa tendência é acompanhada pelo aumento da demanda por fertilizantes intermediários, que cresce desde 2010 (gráfico 30). No entanto, a produção doméstica, que representava 61% neste ano, fechou 2019 responsável por apenas 18% do consumo.

GRÁFICO 30

Importação e produção nacional de fertilizantes intermediários; e principais exportações de fertilizantes e formulação de NPK, Brasil

(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2020.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O que parece preocupante é que, para manter o nível da produção estimada para 2020, o país não deveria estar apresentando quedas tão acentuadas nas importações de insumos. A base da produção é feita pela combinação NPK, e o Brasil não possui reservas de potássio legalmente disponíveis para expandir essa produção. Além de ser o segundo maior consumidor de potássio do mundo, o país também é um forte dependente dos fosfatados – terceiro maior consumidor mundial em volume.

Particularmente no caso dos fosfatados, Wuhan, epicentro do coronavírus na China, que poderia ameaçar o abastecimento por conta da paralisação das fábricas no ápice da doença, retomou a produção em março. O fornecimento em uma das principais cidades produtoras de fosfatados não comprometeu a incerteza em relação à oferta. No entanto, o custo final desse insumo mais que dobrou devido aos custos no embarque.

Apesar de a ANDA ainda não ter disponibilizado os dados de consumo de fertilizantes intermediários para 2020, a queda nas importações sugere que o setor pode estar passando por dificuldades na aquisição de insumos diante da forte desvalorização do real perante o dólar. Alguns setores do agro que chegaram a formar estoques de fertilizantes em 2019 não sentirão tanto os efeitos da Covid-19 nos países fornecedores. Os demais talvez precisem se reestruturar para o plantio da próxima safra.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
Fabio Servo (Diset/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

PIB agropecuário 2019 e 2020

Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)
José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Comércio exterior de produtos do agronegócio

Marcelo Nonnenberg (Dinte/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Ana Carolina de Paula Morais e Felipe Miranda de Souza Almeida (geral)
André Sanches (grãos)
Fernanda Geraldini Palmieri (hotifrutícolas)
Renato Garcia Ribeiro (café)
Natália Salaro Grigol (leite)
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi)
Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP

Crédito rural

Fabio Servo (Diset/Ipea)

Insumos

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
Jefferson Andronio Ramundo Staduto (Unioeste)
Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira (Univalle)



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Leonardo Simão Lago Alvite
Marcelo Lima de Moraes
Mateus de Azevedo Araujo
Pedro Mendes Garcia
Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.